

## ENTREVISTA

## Míriam Leitão

# “Vitória tem que entrar na lista de cidades onde houve tortura”

Presas e torturada pela ditadura quando estava grávida, em 1972, jornalista sente orgulho de ter feito parte da resistência capixaba à repressão e diz que o Estado precisa descobrir a própria História

▲ RONDINELLI TOMAZELLI  
rtomazelli@redgazeta.com.br

Ela venceu o suplício e jamais se curvou à dor, ao arbítrio e ao medo. Tomou as rédeas da própria vida, construiu uma família que respira jornalismo e vive o auge de uma carreira consolidada. Trafegando entre a Economia e a Política, tornou-se uma das mais respeitadas jornalistas do Brasil.

Em entrevista exclusiva a A GAZETA dias após publicar um impactante e detalhado depoimento sobre as torturas que sofreu dentro do 38º Batalhão de Infantaria (BI) do Exército em Vila Velha - em plena, repressiva e escancarada ditadura do governo Médici em 1972 - a jornalista Míriam Leitão tenta - nem sempre com êxito - controlar a emoção ao revisitar seus três meses de inferno.

A escuridão, a violência, as ameaças de estupro e de fuzilamento, uma jiboia e o latido de cães ferozes aterrorizaram-na nos três meses de prisão no batalhão, junto com outros presos que até hoje - faz questão de listar todos - carrega como amigos irmanados dos quais se orgulha. Então militante do PCdoB, ela estava grávida do primogênito Vladimir Netto e quase perdeu o filho por causa das torturas no inferno à beira-mar do 38º BI.

Eis o apelo de Míriam: que Vitória entre na lista de cidades que figuram como lugar de torturas e arbitrariedades na ditadura. “O Espírito Santo precisa conhecer a sua própria História”, salienta. Míriam ainda fala da Comissão Nacional da Verdade e da revisão da Lei da Anistia. E ressalta o orgulho de ter feito parte da resistência do Espírito Santo nos anos de chumbo.

**Já era público que você foi presa política no Espírito Santo. Por que decidiu descrever detalhadamente as torturas? Se você teve força e coragem para resistir à violência, não foi menos impactante o seu depoimento a Luiz Cláudio Cunha, publicado no site Observatório da Imprensa.**

Os jovens talvez tenham uma boa informação sobre a ditadura, mas é diferente ter vivido aquele período. A gente sabe o que foi. Tenho noção das torturas, das pessoas terem sofrido violências absurdas. Eu sofri menos do que outros presos. Imagine quanta gente ficou com sequelas físicas, mentais e emocionais! Minha história é de luta, superação, de vitória. Nunca achei o meu caso importante e me surpreendi com a repercussão do depoimento. De início, fui contra a ideia, mas o Luiz Cláudio Cunha foi conversando e fazendo observações e me convenceu a falar. Também estou dando essa entrevista para situar a conjuntura da ditadura no Espírito Santo. Quando se fazem as listas de cidades onde houve tortura, Vitória nunca aparece, mas a cidade tem que entrar nesse mapa. Não só por mim, mas por todos que lá passaram por tortura e outras violências cometidas pelo Estado. As pessoas eram ameaçadas, viviam situações terríveis.

**Você revela detalhes da tortura logo após os militares entregarem um relatório à Comissão Nacional da Verdade (CNV) dizendo que não houve violência ou outro desvio de função. Como você reagiu?**

A ditadura acabou há 30 anos, isso tudo aconteceu há 42 anos, e os comandantes militares tiveram a coragem de entregar esse ano à Comissão Nacional da Verdade - um órgão criado pelo Estado brasileiro e que passou pelo Congresso Nacional, ou seja, representa os poderes da República - um documento dizendo que não houve desvio de função nas Forças Armadas. Eu vivi e sofri o desvio de função! É muito desrespeitoso o que os militares fizeram em não reconhecer. Não é possível, e a Comissão não é uma ONG. Fiz o meu trabalho de jornalista de ir ao ministro da Defesa e perguntar por que eles fizeram isso, mas não fui cobrar minha conta pessoal, não. Fui lá porque é um papel institucional.

“Essa história está aí, à flor da pele, e vamos carregá-la para sempre. É doloroso falar disso, mas minha história é de luta, de superação. Tive sorte se comparada a tantos outros presos que viveram coisas piores, tiveram sequelas físicas, emocionais e psicológicas. Estou escrevendo um livro sobre o futuro do Brasil e, engraçado, vem o passado e me puxa de volta”

**Foi por causa da resposta negativa dos militares que você revelou o que sofreu?**

Tenho meu papel de cidadã também, e quis dar meu depoimento na esperança de contribuir nesse esforço nacional de fazer com que as Forças Armadas reconheçam o erro. E o façam não para serem humilhadas, nada disso. As Forças Armadas têm um papel importante na construção do futuro do Brasil, mas precisam refletir porque precisamos fazer uma nova etapa da nossa História. Não acredito que uma instituição que não admite publicamente que errou, mas o reconheça intimamente. É preciso que os comandantes façam esse movimento para que haja toda uma mudança de narrativa dentro das Forças Armadas, dentro dos cursos de formação de oficiais, dentro dos colégios militares - uma nova narrativa histórica.

**Acredita que essa mudança de paradigma nas Forças Armadas ocorra logo?**

Nasci em Minas Gerais e na minha bandeira está inscrito “Libertas Quæ Sera Tamen”. Então, aprendi a esperar e vou continuar esperando que isso aconteça. Será uma etapa fundamental para que o Brasil consolide sua democracia. A gente precisa disso. Eu não sei se eu vou ver, mas em algum momento isso vai acontecer. Em todos os países que passaram períodos de arbítrio e ditadura, como Argentina e Chile, houve o reconhecimento dos crimes cometidos pelo Estado quando foi ocupado por um poder ilegítimo, esse poder teve que pedir desculpas.

**Para o bem dos seus filhos e netos, como você finaliza no depoimento.**

É, eu falei dessa perspectiva familiar para mostrar que há duas gerações eu e todos os brasileiros esperamos que aconteça esse movimento. É doloroso falar, foi muito difícil revisitar momento por momento, foi uma conversa muito dolorosa (com os filhos). Nunca escondi dos meus filhos, mas



**Vida marcada**

Dona de perfil determinado e independente, Míriam cobra um pedido de desculpas por parte das Forças Armadas.

FOTO: Edson Chagas - 14/04/2011

fui contando aos pedaços, às vezes contava e me emocionava, mas pensava no quanto que a vida já me deu e ficava feliz de novo. Mas não carrego, nutro ou alimento ódio, não tenho esse sentimento no meu coração. Tenho a consciência absoluta de que o mais importante é o país, é a sua História.

**Como foi sua relação com os presos capixabas dentro no batalhão?**

Tenho muito orgulho de ter participado da história da resistência no Espírito Santo. Eu falo do grupo todo e do quanto as suas trajetórias de vida me dão orgulho. Só na minha sala tivemos o excelente médico Gustavo do Vale, que hoje trabalha no interior capixaba e salvou muitas vidas. Ele ficou 13 meses preso e foi expulso do curso de Medicina, o que também implicava recomeçar a graduação. É inconcebível o que a ditadura fez. O Iran Caetano estava no sexto ano de Medicina. Ele é um herói, teve que fugir e praticar a Medicina salvando vidas de forma escondida. A Ângela Milanez ficou comigo na cela. Guilherme Lara Leite também estava preso.

**Por que você acha que Vitória, e o Espírito Santo em geral, ficaram tão à margem das denúncias relacionados à tortura?**

Eu não sei. Talvez falte à gente, nós jornalistas, fazer esse registro, contar essas histórias, fazer essa investigação. Esse é o momento, o país está olhando para esse passado. Então, cada um tem que fazer o seu papel. E gente está vendo a história da prisão no 38º BI. O Vitor Buaiz ficou preso por poucos dias, mas não tinha nada com nada: era só um professor de quem os alunos gostavam e com quem tinham bom relacionamento. Muita gente passou por situações muito difíceis ali naquele batalhão.

**Com 19 anos, você já militava no PCdoB, partido comunista. O que você guarda dos companheiros da militância e como**

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



MATHEUS LEITÃO/REPRODUÇÃO



**“Chorei muito”**

Em 2011, Míriam visitou sozinha o 38º BI, onde chegou grávida e foi presa e torturada.

**O PAÍS PASSADO A LIMPO**

**Nova fase na História**

Mineira de Caratinga e filha de uma capixaba de Santa Teresa, Míriam Leitão trabalhou no Espírito Santo no início da profissão e se declara apaixonada pelo Estado. Jornalista da GloboNews, comentarista da Rádio CBN e colunista de O Globo, ela detalhou, de forma inédita e 42 anos após reencontrar a liberdade, a tortura que sofreu, nua e grávida de um mês. “Agora é o momento. Para que o Brasil entre numa nova etapa de sua História, os militares precisam reconhecer publicamente seu erro ao tomar o poder ilegítimamente em 1964 e cometer todas as barbaridades por 21 anos”, avalia.

**“Eu posso te matar”**

Míriam narrou seu inferno no depoimento desta semana: “Um militar botou um revólver na minha cabeça e disse: ‘Eu posso te matar’. E forçou o cano frio na minha testa. Me deu um sentimento enorme de solidão, de abandono. Eu me senti absolutamente só no mundo. Pela falta de notícias, imaginava que o Marcelo (Netto) estava morto. Entendi que iria morrer também e que ninguém saberia da minha morte”. Míriam recebeu apoio até do ministro da Defesa: Celso Amorim admitiu que o governo sabe das torturas e disse acreditar piamente na jornalista. Ele foi exonerado da Embrafilme em 1982 porque o cinema nacional mostrou cenas de tortura.

**quer quem sejam vistos?**

Eu gostaria que o Espírito Santo pensasse nessas pessoas todas que foram presas porque, pelo fato de ser jornalista, eu acabei ficando com mais visibilidade. Contem a história desses capixabas que seguraram a bandeira da luta pela democracia e pela liberdade, quando a gente não tinha nenhum espaço - e todos os caminhos estavam bloqueados para nós que queríamos pensar no país. São pessoas que fizeram tão bem ao país e às suas comunidades!

**Depois de presa, quando ia à praia com seu então companheiro Marcelo Netto, na Rua Sete (Vitória), você ficou isolada por semanas. A tortura começou ali?**

Eu passei três semanas isolada. Depois, fui pra cela das meninas, onde estava a Badora (Maria Auxiliadora Ferreira Gama), que é advogada. A Magdalena Frechiani - grávida como eu e que teve a linda Janaína - é outra médica maravilhosa, dedicada a câncer infantil. Olha que pessoas lindas que estavam lá, todas sendo ameaçadas e passando risco de vida! A Beth Madeira virou uma excelente médica sanitária, de políticas públicas. São pessoas com as quais eu me orgulho de ter lutado, que têm serviços prestados ao país. O jornalista Jorge Luiz de Souza também foi preso.

**Seu depoimento pode influenciar a Comissão Nacional da Verdade a apurar outros episódios de tortura e prisão arbitrária? Sabe-se pouco do que se passou dentro do 38º BI e outras prisões.**

Eu soube que no Espírito Santo há uma Comissão da Verdade. Todos esses dados serão consolidados num relatório geral. E há pessoas que sofreram antes disso, como Perly Cipriano (PT). Ou seja, o Espírito Santo precisa olhar para a sua própria História, porque participou da luta nacional pela volta da democracia. Nós éramos jovens e não tínhamos saída. A gente não

podia participar de nada. Eu fui ser candidata ao diretório acadêmico - não como presidente, mas como membro de uma diretoria -, mas meu nome estava excluído por ordem do serviço de segurança da universidade. A gente não podia participar politicamente normalmente, fazer uma reunião da UNE... Tudo era proibido.

**Como foi a conversa com o Vladimir logo depois do depoimento? Ele correu risco de vida quando você foi presa e me disse que desconhecia detalhes, como a simulação de fuzilamento. Foi uma vitória da vida também, porque você sobreviveu carregando um filho que tinha poucas chances, mas nasceu perfeito e é testemunha da sua vitória.**

É, exatamente! Tudo isso que aconteceu. Quando você olha racionalmente, você pensa: “Não, essa criança não sobreviveu a tanto estresse, à falta de alimentação, à tensão que a mãe passou... Sai da prisão com 39 quilos e com anemia muito forte. E ele nasceu saudável, forte, inteligente, é uma alegria na minha vida. Minha história de superação é principalmente nesse momento. O nascimento do Vladimir foi um momento de grande euforia pra mim, quando eu vi que ele era normal, saudável. Ao mesmo tempo, Marcelo só saiu da prisão quando o Vladimir tinha cinco meses.

**Como você começou sua participação política no PCdoB na ditadura?**

Era o pior momento. Os partidos clandestinos eram o único espaço possível para fazer política. Não necessariamente a gente tinha aquelas ideias ou as manteve ao longo da vida, mas o que nós queríamos dizer era “abaixo a ditadura”, era lutar contra ela. Muita gente não entende e diz “Ah, mas estava num partido de esquerda, então isso não era luta para democracia”. Era! A resistência foi a longa luta de um povo, e cada um lutou e fez um pedaço do trabalho.